

## (RE)PENSAR A PRÁTICA DOCENTE NO PLANEJAMENTO DIÁRIO

Ana Vérica de Araújo <sup>1</sup>

### RESUMO

No campo educacional, planejar virou uma ação essencial. Diante disso, este trabalho buscou conhecer as concepções dos professores de Biologia de uma escola estadual, sobre o planejamento docente, como ele acontece na prática e quais os benefícios trazidos com sua execução. O trabalho utilizou a análise de conteúdo como metodologia de pesquisa e, para a coleta de dados, observações da elaboração e culminância do planejamento docente, além de questionários aplicados aos professores. A partir da análise dos dados obtidos, pôde-se perceber que devido às inúmeras atribuições dos professores no âmbito escolar, os sujeitos da pesquisa, apesar de reconhecerem a importância do planejamento, não o utilizam como um instrumento de melhoria para sua prática, através da reflexão crítica de suas ações, ou seja, não planejam de forma a buscar objetivos mais efetivos para a aprendizagem escolar e que ultrapassem o mero domínio passivo de informações.

**Palavras-chave:** Planejamento, Prática Docente, Reflexão.

### INTRODUÇÃO

Os conteúdos que são trabalhados em sala de aula são muito importantes para o ensino. O conhecimento e o domínio do professor sobre esses conteúdos são igualmente relevantes. Entretanto, a forma como esses conteúdos serão repassados em sala de aula, sua estruturação e adequação ao cotidiano escolar e a margem de possibilidades para a atuação discente na reelaboração do conhecimento é que fazem toda a diferença no contexto educacional. Nessa perspectiva, a educação é então conceituada como

um conjunto dos processos de desenvolvimento dos sujeitos que podem ocorrer na mediação ativa do homem com o meio no qual vive, e em suas relações mútuas, [...] objetivando preparar indivíduos para exercerem atividades num determinado contexto social, político e cultural. (Silva, 2008, p. 1)

Considerando esse conceito de educação, exige-se do professor e da escola atitudes críticas e reflexivas diante das atividades cotidianas educacionais, numa perspectiva transformadora frente à realidade. Imbernón (2010, p. 41) já coloca que deve-se “formar um professor como um profissional prático-reflexivo que se defronta com situações de incerteza, contextualizadas e únicas”, as quais intervêm, por possuir conhecimentos e atitudes, capacidade de refletir sobre a própria prática docente.

Mas o professor não deve refletir unicamente sobre sua prática, mas sua reflexão atravessa as paredes da instituição para analisar todo tipo de interesses subjacentes à educação, à realidade social, com o objetivo concreto de obter a emancipação das pessoas. (Ibid. p. 42)

<sup>1</sup> Bióloga, servidora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE – *campus* Crateús, [ana.verica@ifce.edu.br](mailto:ana.verica@ifce.edu.br);

Diante disso, entendendo o planejamento como um saber pedagógico que, embora secundário - levando-se em consideração o domínio que o professor deve ter sobre o conteúdo de ensino - é importante e por vezes decisivo no processo educacional, sendo necessário, portanto, uma compreensão e reflexão sobre sua organização neste campo.

Geralmente, com algumas discrepâncias na literatura, o planejamento encontra-se no contexto da escola, dividido em **planejamento educacional ou escolar**, que é aquele incorporado à jornada pedagógica ocorrida tradicionalmente no início de cada ano letivo e que tem, ligado a ele, o **planejamento curricular ou de ensino**, onde conteúdos e metodologias são definidos pelos professores em suas respectivas áreas de atuação para um período letivo; e, por último, o **planejamento da aula**, que se destina ao preparo e organização de planos individualizados e específicos das aulas para cada série, turma e turno, conforme discutem Luckesi (1992) e Poltronieri (2009).

O planejamento escolar articula as metas da escola, em particular, com as exigências do sistema educacional. É um processo importante que, assim como o Projeto Político-Pedagógico (PPP), norteia as ações da escola e adequa as estratégias e objetivos nele traçados, às reais possibilidades do contexto escolar.

No planejamento curricular o professor elenca conteúdos a serem abordados e registra o que pretende fazer na disciplina que leciona durante o ano ou período letivo. Além disso, como coloca Menegolla e Sant'Anna (1998, p. 51), “o currículo se refere a todas as situações que o aluno vive, dentro e fora da escola”, o que ultrapassa a mera listagem de conteúdos. Já o planejamento da aula, não deve ser visto somente como uma previsão dos assuntos de uma determinada aula, nem como uma organização metódica desse conteúdo. Sendo concebido dessa maneira, o professor tem em mãos apenas um mecanismo de controle das aulas e atividades e não um meio de avaliação e reflexão das atividades que realiza, características que defendemos aqui. O planejamento deve ser encarado, porém, como um instrumento de fundamental importância para a orientação e regulação dos processos de atuação diários do docente, uma vez que é de domínio exclusivo do professor, podendo ser usado por este como um método avaliativo de sua prática.

Silva (2008, p. 1) acredita que o planejamento deve ser entendido “como um processo de reflexão que tem como intuito principal propiciar o despertar do sujeito enquanto a necessidade de mudanças e capacitá-lo para atingir suas metas”. Ou seja, deve-se tomar o planejamento para repensar a prática na sala de aula e na escola, para que seja um modo ativo de intervir sobre o futuro desejado.

Leal (2005, p. 2) já afirma “que o planejamento de ensino implica, especialmente, em uma ação refletida: o professor elaborando uma reflexão permanente de sua prática educativa.” Para Penteadó (2003), a partir das reflexões vivenciadas, o profissional docente supera eventuais limites do seu plano de aula.

Assim, tendo a escola um importante papel na formação e no desenvolvimento dos indivíduos e, sendo o professor um dos sujeitos diretamente envolvidos nessa ação, a observação e investigação do planejamento executado na escola, para o seu entendimento e melhoramento, poderá possibilitar a ambos, professor e escola, a adequada estruturação do planejamento como um instrumento de organização do trabalho docente e de melhoramento no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que proporcionará ao professor o estabelecimento do planejamento como um veículo de regulação e avaliação de sua prática e a consequente obtenção da eficácia nos resultados esperados.

Este trabalho buscou investigar a concepção de professores de Biologia, de uma escola pública estadual, acerca do processo de planejamento das aulas por eles realizado, e o que levam em consideração durante o seu processo. Procurou-se também verificar a possibilidade do uso do planejamento como meio para a reflexão e avaliação da ação docente.

Pretende-se suscitar aqui, que o planejamento seja encarado pelo docente, como um processo de caráter reflexivo e avaliativo, pois pode (e deve) envolver a reflexão de sua prática pedagógica, bem como a sua percepção quanto à contextualização entre o cotidiano do aluno e os conteúdos contemplados e abordados no plano de aula, como deixa claro Leal (2005) em um de seus textos.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi concebido através da utilização da análise de conteúdo, em caráter aproximado, devido à complexidade e abrangência dessa metodologia. Tal modalidade de pesquisa é conceituada por Triviños (1987), baseado nas concepções de Bardin (1977), como um conjunto de técnicas que analisa comunicações, sejam elas nas linguagens escrita ou oral, de cuja apreciação surgem inferências.

Severino (2007), no entanto, propõe um conceito mais abrangente para a análise de conteúdo, que para ele visa compreender de forma crítica o sentido manifesto ou oculto de informações constantes em diferentes documentos, através de um conjunto de técnicas de análise. Assim, as motivações, tendências, atitudes, opiniões, crenças, são estudadas para

revelar aquilo que não se apresenta claramente nos documentos, linguagens e formas de expressão dos sujeitos ou grupos pesquisados.

A seleção dos professores de Biologia, sujeitos a colaborarem com a pesquisa, deu-se de forma randômica, dentre os docentes de uma escola parceira do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UECE). Após, procedeu-se o levantamento de informações escritas desses professores, no caso, apenas dois, através do uso de questionários. Para Lakatos e Marconi (2003) e Severino (2007), o questionário deve ser composto por um conjunto de questões sistematicamente articuladas, a fim de se obter a opinião de determinados sujeitos a respeito do que se quer conhecer ou investigar.

Tais questionários continham questões abertas, que visavam à elaboração pessoal das respostas do sujeito, com o uso de suas próprias palavras (Severino, 2007), e pretenderam diagnosticar o modo como os sujeitos regularmente executam o próprio planejamento das aulas, além das concepções pessoais e profissionais a respeito do ato de planejar.

Posteriormente à entrega dos questionários, realizou-se a observação (sistemática e não-participante) do planejamento semanal executado pelo professor de Biologia. Segundo as ideias difundidas por Severino (2007), a observação é portal de acesso ao objeto pesquisado e etapa indispensável em qualquer pesquisa. Ela “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 190). Essa observação foi registrada através de gravação em áudio e norteadas por um roteiro escrito, elaborado de acordo com os pontos mais relevantes em um encontro de planejamento, baseado na literatura que versa a respeito do assunto e preenchido exclusivamente pela pesquisadora durante o planejamento acompanhado.

A aula referente ao planejamento anteriormente observado foi acompanhada a título de perceber a real distância entre aquilo que é pensado e o que é consolidado de fato. Na verdade, a observação obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade (Lakatos; Marconi, 2003). Essa observação foi realizada somente em uma turma escolhida pelo professor e o seu registro deu-se de forma escrita e por meio de gravação em áudio. Para Triviños (1987), observar não é simplesmente olhar, mas destacar de algo um objeto específico, atentando-se para as suas características.

Essa pesquisa constituiu-se numa abordagem qualitativa pela metodologia adotada e pelas técnicas empregadas de observação e análise documental e do discurso dos sujeitos. Severino (2007) assim a define pela referência aos seus fundamentos epistemológicos.

Por constituir-se num conjunto de técnicas, a análise de conteúdo exige do pesquisador, a categorização dos resultados ou classificação dos dados obtidos. Dessa forma, a análise dos diferentes materiais coletados deu-se com a delimitação de três categorias (Planejamento, Formação Docente e Prática Pedagógica) que representam ou resumem os assuntos aqui abordados e analisados para a obtenção ou alcance dos objetivos propostos.

## DESENVOLVIMENTO, RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O Planejamento

Os sujeitos que participaram, foram identificados com as letras DB (Docente de Biologia), seguidas de um número natural para a sua distinção.

Os questionários revelaram diferenças significativas na visão dos professores sobre o objeto de estudo. O DB-1 é mais técnico em sua fala, enquanto o DB-2 procura demonstrar subjetividade em suas palavras, expressando-se sempre de acordo com o que faz em suas atividades pedagógicas.

O planejamento é uma ferramenta que permite criar ações, constitui um referencial para a execução de uma ação, sendo um processo contínuo para tornar realidade um objetivo. **(DB-1)**

É um momento de reflexão e organização do professor, onde ele vai refletir sobre sua metodologia em sala e preparar suas aulas de forma agradável e dinâmica para o bom entendimento dos alunos. **(DB-2)**

Para o DB-1, o planejamento é o meio pelo qual se consegue chegar a um objetivo. Esse conceito é exatamente o que propõe Luckesi (1992), quando fala do planejamento como uma atividade-meio, que auxilia na obtenção de resultados. Para o DB-2, planejamento é o instrumento de organização do professor, de reflexão sobre sua metodologia, fato também considerado por Silva (2008). As concepções dos professores sujeitos, sobre planejamento, estão de acordo com o proposto pela literatura e não são expressões mecânicas como a de um professor que acredita ser o planejamento a hora ou a forma de dizer o que vai acontecer numa determinada aula.

O planejamento docente na escola pesquisada é coletivo, acontecendo uma vez por semana (1/5 proporcional à carga horária de cada professor), numa sala específica para esse trabalho, envolvendo todos os professores de Ciências da Natureza e Matemática. Apesar disso, as atividades são feitas e/ou planejadas individualmente. Gil-Pérez e Carvalho (1995) defendem que o trabalho docente não deve ser uma tarefa isolada. “O essencial é que possa

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

ter-se um trabalho coletivo em todo o processo de ensino/aprendizagem: da preparação das aulas até a avaliação” (Ibid., p. 18).

A prática de planejamento do professor de Biologia observado, o DB-2, é voltada para o que vai acontecer na sala de aula, o que vai ser passado de conteúdo. Gandin e Cruz (2011) já afirmam que o fazer escolar confunde-se com o “passar” conteúdos pré-estabelecidos, o que não contribui em nada para o crescimento e autonomia dos alunos, professores e, por consequência, da escola e da sociedade. Esses autores propõem ainda a seguinte reflexão:

se pensarmos a educação escolar como processo que faz parte da construção de uma sociedade e das pessoas que a compõem, se compreendermos que muito conteúdo pré-estabelecido é completamente domesticador ou inútil, então precisaremos muito do planejamento. Não de qualquer planejamento, muito menos de quadrinhos que os professores preencham para a manutenção do faz-de-conta, mas de um planejamento que tenha como perspectiva a construção de uma realidade, através da transformação da realidade existente. (Gandin; Cruz, 2011, p. 15)

É esse planejar que propomos aqui, que envolve a reflexão das ações e dos eventos, promovendo mudanças, quebrando paradigmas, proporcionando o crescimento pessoal e crítico de cada sujeito do ambiente escolar, o que não acontece quando se faz apenas o preenchimento de um determinado campo num documento, como é o caso do diário escolar, por exemplo, colocando nele o que se deve fazer, de forma automática e inconsciente.

O momento de planejar é usado pelo DB-2 para preencher os diários de classe, elaborar e separar provas que, segundo ele, são atividades que não dão tempo realizar em outra ocasião. Aqui as dificuldades enfrentadas pelo professor são bem evidenciadas, uma vez que deveriam existir, em sua carga horária de trabalho, momentos para o planejamento e momentos para a execução dessas outras atividades, além dos horários de aula.

Pois é, planejamento é bom que você pensa nessas ideias, nessas coisas, ... você tem ideias para executar sua matéria ... e infelizmente a gente é muito preso a essa parte burocrática. **(DB-2)**

Analisando a fala do professor, referindo-se aos documentos de controle de classe, é possível perceber que existe uma pré-concepção, tendenciosa e equivocada, a respeito do ato de planejar. Menegolla e Sant’Anna (1998, p. 10) acreditam que

a rejeição ao ato de planejar reside no fato de que haja uma carência de objetivos claros e bem definidos sobre a importância de tal ato. Desse modo, os professores passam a perceber que os planejamentos a eles solicitados não passam de exigências burocráticas ou de defesas de certos modismos pedagógicos.

Dessa forma, a formação docente, inicial e também continuada, categoria abordada a seguir, pode ser um meio pelo qual as mudanças venham a principiar, estabelecendo-se uma prática de planejamento voltada para as transformações educacionais e também sociais, e incitando a busca por melhores condições de trabalho docente.

### **Formação Docente**

Os docentes de Biologia pesquisados revelaram em seus escritos ausência de suporte teórico bem estabelecido em relação ao planejamento, que ilumine seu trabalho. Apresentam apenas conceitos e ideias básicas sobre “como trabalhar” e/ou “como repassar” conteúdos em sala de aula. Não são guiados por concepções teóricas ou experiências profissionais consagradas na literatura, talvez pela ausência de contato com essas concepções na graduação ou ainda na formação continuada.

O que trago comigo até hoje da graduação, é que o planejamento é um momento crucial no trabalho do professor, e que a partir dele o professor irá ter um conjunto de ideias de como trabalhar os conteúdos em sala, para saber como repassar de uma forma fácil o conteúdo... (DB-2)

Gil-Pérez e Carvalho (1995) destacam a importância da fundamentação teórica para a formação inicial e continuada do professor, assim como para a quebra de velhos paradigmas quanto à atuação docente, afirmando que essa “chamada ‘transformação’ exige um tratamento teórico, ou seja, a elaboração de um corpo coerente de conhecimentos, que vai além de aquisições pontuais e dispersas” (Ibid., p. 31).

O professor deve, portanto, definir seu posicionamento com base nas suas convicções, na sua metodologia de trabalho e na filosofia profissional que assume, itens que devem estar de acordo ou embasar-se em alguma estrutura ou pensamento teórico, que respaldem o seu fazer docente e que vão ter consequências sobre o tipo de planejamento que propõe, o que influenciará nos resultados que obtiver.

A fala do DB-1, transcrita abaixo, revela a deficiência do ensino universitário quanto a essa formação pedagógica, já que afirma existir orientação da coordenação da ação curricular voltada para ensinar aos professores como planejar suas aulas, numa alusão à distância existente entre o que é “visto” no ensino universitário e o que realmente acontece na prática cotidiana do professor.

Passar para os professores, principalmente para os que estão ingressando na docência, orientações sobre como fazer o planejamento, como elaborar estratégias...  
(DB-1)

Imbernón (2010) refere-se às atividades docentes em geral (o que leva em consideração o planejamento) quando diz que

o tipo de formação inicial que os professores costumam receber não oferece preparo suficiente para aplicar uma nova metodologia, nem para aplicar métodos desenvolvidos teoricamente na prática de sala de aula. Além disso, não se tem a menor informação sobre como desenvolver, implantar e avaliar processos de mudança. (Ibid., p. 43)

O processo de formação docente deve acontecer de forma continuada e o momento do planejamento deve oferecer alguma ajuda ao professor nesse sentido.

O planejamento complementa a educação, acentuando sua eficiência. Faz com que não seja concebida de qualquer forma, propõe-lhe um sentido que ultrapassa o simples ensinar, é ação pela qual se busca melhorar seu andamento, que lhe permite ser avaliada, repensada, reestruturada. Planejar é uma oportunidade de questionar as ações a serem desenvolvidas e, talvez promover transformações a partir e por meio delas que contribuam para a melhoria da educação.

### **A Prática Pedagógica**

Ambos os professores pesquisados consideram o planejamento um ato necessário à atividade docente, apesar de não deixarem claros os seus esquemas pessoais de planejamento, mas, em vez disso, transparecendo somente um plano mental. Gandin e Cruz (2011) manifestam-se sarcasticamente diante dessa realidade, que acontece em praticamente todas as escolas, e afirmam que, simplificaram tanto a tarefa do professor, que ele não precisa mais do que um rápido plano mental para realizá-la. Nóvoa (2009) também se pronuncia a respeito, afirmando que, a ideia difundida publicamente de que ensinar é muito simples, contribui para o desprestígio da profissão.

Se o professor (ou alguém por ele) considera ser sua função passar um conteúdo pré-estabelecido, então não é necessário mais planejamento do que pensar um pouco, antes da aula, sobre o 'como' passar a 'matéria'. Só há sentido em falar de plano de sala de aula (escrito e com ideias que fundamentem a ação) se os professores tiverem aspirações maiores do que transmitir conteúdos pré-estabelecidos. (Gandin; Cruz, 2011, p. 15)

Na visão do DB-1, é necessário planejar para se ter uma boa aula, caso contrário, o trabalho não sai bem feito. Na verdade, mais do que um trabalho com perfeição, o ato de planejar proporciona ainda a possibilidade de avaliação e reelaboração da prática docente,



através da análise e reflexão das ações traçadas no plano e executadas, e dos resultados obtidos. Ainda assim, segundo Gil-Pérez e Carvalho (1995), a avaliação é mais do que a medida dos resultados, é a expressão de expectativas colocadas (ao trabalho, aos alunos, ao próprio professor), fruto de concepções pré-formadas. O DB-2, por sua vez, coloca o planejamento como lócus exclusivo para a preparação da aula, por isso sua importância na prática pedagógica.

Na aula observada, não é possível perceber a presença de um planejamento sistemático, mas uma sequência lógica de ações, traçada mentalmente. Tal sequência norteia e auxilia domínios do professor, que são o conteúdo e a didática em sala de aula, adquiridos pela experiência. É por causa dessas aulas, que acontecem frequentemente nas escolas, que levam professores a acreditarem não ser necessário planejar, mas ter domínio do conteúdo e da didática e, em alguns casos, somente do conteúdo.

O planejamento é, infelizmente, mal compreendido por quem o faz, fato percebido nas contradições existentes nessas duas pronunciações do docente pesquisado, transcritas a seguir. Apesar de reconhecer neste e em outros momentos a importância dessa ação para a prática docente e a escola, permanece com a concepção de que planejar é apenas determinar o que se vai fazer. E mesmo quando se fala na obtenção de resultados, para o professor, esses resultados são as boas colocações nas avaliações externas. Não é a formação crítica do aluno, a aprendizagem significativa, a mudança de determinadas situações sociais, mas somente a aprovação em provas.

O planejamento é essencial demais na... na... no trabalho do professor e da escola. Sem o planejamento a escola não funciona, nem o professor. O trabalho oh... vai lá pra baixo porque o professor não planeja, chega em sala de aula e não sabe o que vai fazer. [...] Planejando você vai perceber as dificuldades dos alunos e as... e as... virtudes deles. **(DB-2)**

Você planejando consegue dá uma boa aula e vai ter bom resultado no Enem, vestibular. [...] O planejamento é bom pra isso, você se planejando, você consegue atingir esses resultados. A pessoa que não se planeja, não atinge resultado nenhum. [...] Por que a escola depende disso, né, dos resultados, se não tiver resultado... **(DB-2)**

Percebemos que os professores não reconhecem os verdadeiros motivos do planejamento. Planejar não deve acontecer somente por causa de exigências burocráticas, mas na intenção de que objetivos sejam traçados e que, professores e escola, trabalhem para atingi-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do planejamento, o professor pode refletir sobre sua ação, afinal, é planejando que se pode descobrir as necessidades de uma determinada realidade e buscar meios para satisfazê-las. Através do planejamento, é possível traçar um objetivo, identificar a distância que se está desse objetivo e o que se deve fazer para diminuir essa distância, ações puramente reflexivas (Gandin e Cruz, 2011). Entretanto, é preciso também dispor de meios para tornar o planejamento efetivo, para que não se torne expressão de desejos de alguns, enquanto para outros, revela-se uma verdadeira angústia.

Esses meios, mencionados anteriormente, referem-se à formação docente, inicial e continuada, além das políticas educacionais e de valorização do magistério. Faz-se necessário capacitar melhor os profissionais da educação, para que não exerçam somente aquilo estabelecido em primeiro plano, como ‘dar’ aulas no sentido de repassar conteúdos estanques, os quais deverão ser assimilados pelos alunos sem nenhum questionamento, mas, que possam realizar todas as ações de modo a contribuir para o melhoramento da educação.

O planejamento deve ter funcionalidade, na escola, na sala de aula, na prática do professor. Por isso, não deve ser feito de forma “rotinizada”, com ações automatizadas que não influenciam de forma positiva nas atividades docentes. Não há “receitas” para um bom planejamento, os docentes devem, ao contrário, apreender determinados conceitos para uma posterior adaptação a diferentes eventos e realidades.

Na pesquisa realizada, foi possível perceber a importância, dada pelos sujeitos pesquisados, ao planejamento escolar, embora enfrentem dificuldades formativas, materiais e estruturais (quanto ao tempo, à quantidade de afazeres) para executá-lo da forma como acreditam ser a correta. O professor, na maioria das vezes, é obrigado a realizar determinadas atividades, no momento, mais urgentes, em detrimento de outras extremamente relevantes na sua profissão.

A partir da análise dos dados, foi possível perceber que o processo de elaboração, execução e avaliação do planejamento não está sendo devidamente realizado, levando-se em consideração o contexto em que a escola se insere e a atuação profissional do docente, servindo-lhe, portanto, como instrumento norteador para as suas atividades, mediante a reflexão. O planejamento, encarado como meio de repensar a prática na sala de aula e na escola, pode ser um modo ativo de aperfeiçoamento do trabalho executado pelos docentes e elo de intervenção e melhoramento do ensino.

Por fim, acreditamos que o professor, assumindo o planejamento como um ato reflexivo desde a sua elaboração e execução até a avaliação de seu processo e de sua eficácia,

transforma os desafios da prática docente em problemas de estudo, cuja resolução, após o esforço para isso, represente um avanço profissional, pessoal e, ao mesmo tempo, coletivo.

## REFERÊNCIAS

Gandin, D.; Cruz, C. H. C. *Planejamento na sala de aula*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Gil-Pérez, D.; Carvalho, A. M. P. *Formação de professores de ciências: tendências e inovações*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

Imbernón, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

Leal, R. B. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 37/3, p. 1-6, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1106Barros.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2010.

Luckesi, C. C. Planejamento e avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica. *Série Ideias*, São Paulo, n.15, p. 115-125, 1992. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/int\\_a.php?t=014](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/int_a.php?t=014)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

Menegolla, M.; Sant'Anna, I. M. *Por que planejar? Como planejar?: currículo, área, aula*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Nóvoa, A. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: EDUCA, 2009.

Penteado, V. S. Plano de curso, plano de ensino ou plano de aula, que planejamento é esse? In: Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil, 2003, Cascavel/PR. *Anais...* Cascavel/PR: Unioeste, 2003. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Educacao/eixo1/11valeriadesouzapenteado.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2010.

Poltronieri, R. Planejamento escolar, uma oportunidade para a reflexão da ação pedagógica. *Revista Partes*, São Paulo, nov., 2009. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/planejamentoescolar.asp>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

Severino, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez editora, 2007.

Silva, F. D. A. Planejamento e avaliação educacional no exercício profissional docente. *Revista Partes*, São Paulo, ago., 2008. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/planejamentoeavaliacao.asp>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

Triviños, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.